

DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR: UMA ABORDAGEM SOBRE ENSINO NOS CURSOS DE LICENCIATURA

Rogério Santos Sales¹

Marcolino Sampaio dos Santos²

Resumo:

Frequentemente ouvem-se declarações realizadas por estudantes ao se referirem a professores que possuem excepcional capacidade intelectual e profundo conhecimento a respeito da área que atua, mas que, todavia, não conseguem ministrar uma aula de forma que os alunos os compreendam bem. Esses depoimentos são frequentes tanto por estudantes da educação básica quanto do ensino superior. Este artigo tem como objetivo refletir sobre a didática no ensino superior. O estudo pretende refletir não apenas sobre a formação dos professores que atuam no ensino superior, mas também sobre a formação recebida pelos alunos das licenciaturas do ponto de vista didático. Este estudo traz uma revisão bibliográfica de autores que discutem sobre didática e principalmente sobre didática no ensino superior, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Traz uma discussão do tema nos cursos de licenciatura e possível impacto na prática cotidiana dos futuros profissionais egressos desses cursos. Embora seja uma revisão bibliográfica, pretende-se amadurecer e evoluir para uma pesquisa onde podem estar presentes a coleta de dados, observação, análise, bem como interpretação dos fatos em torno do objetivo central. O resultado inicial observado é que a qualidade na formação docente contribui sobremaneira para a garantia da qualidade no processo ensino aprendizagem. Ao final procura-se trazer à baila uma reflexão àqueles que exercem ou pretendem exercer a docência contemplando teoria e prática objetivando melhores resultados para práxis docente.

Palavras-Chave: Didática. Didática do ensino superior. Licenciatura

Abstract:

There are often statements made by students when referring to teachers who have exceptional intellectual ability and deep knowledge of the area they are working in, but who are never able to teach a class in a way that students understand well. These statements are frequent both by students of basic education and higher education. This article aims to reflect on didactics in higher education. The study aims to reflect not only on the training of teachers who work in higher education, but also on the training received by the students of the degree courses from a didactic point of view. This study brings a bibliographical review of authors who discuss about didactics and especially about didactics in higher education, it is a qualitative approach research. It brings a discussion of the subject in the degree courses and possible impact in the daily practice of the future professionals graduated from these courses. Although it is a bibliographic review, it is intended to mature and evolve to a research

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Especialização em História: Política, Cultura e Sociedade pela UESB, Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior pela UNINASSAU; Analista Universitário da UESB e Professor da rede Estadual de Ensino da Educação Básica do Estado Bahia. Email: rogersalessantos@gmail.com

² Mestre em Teologia e Educação pela UFRGS/EST. Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XX, professor da Faculdade Uninassau. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo – GEPEDDEC/UESB.

where data collection, observation, analysis, and interpretation of the facts around the central objective may be present. The initial result observed is that quality in teacher training contributes greatly to quality assurance in the teaching-learning process. In the end, we try to bring a reflection to those who exercise or intend to practice teaching contemplating theory and practice aiming at better results for teaching praxis.

Keywords: Didactics. Didactics of higher education. Graduation

1. Introdução

Não é recente o pensar sobre o conceito de Didática como elemento capaz de subsidiar o trabalho do professor em sala de aula a fim de tornar mais eficaz a relação ensino-aprendizagem. Por isto, estudiosos do campo da Didática entendem que esta deve fazer parte do rol de conhecimentos pedagógicos do docente de modo a contribuir para o fortalecimento da sua formação e do desempenho das suas funções no âmbito da docência. Partindo do pressuposto de que o processo ensino-aprendizagem é dinâmico e está em constante mudança, é conveniente inferir sobre a necessidade, inerente ao fazer docente, de sempre refletir e questionar suas práticas. Portanto, a criticidade deve estar sempre presente no cotidiano do educador fazendo com que haja um processo de reflexão-ação-reflexão, processo este, entendido como práxis docente permitindo o professor desenvolver uma postura crítico-reflexiva em torno de suas próprias experiências.

No âmbito da educação superior brasileira por muito tempo prevaleceu a ideia de que para ser um bom professor bastava tão somente ter conhecimento da disciplina que deveria ministrar porque acreditava-se que quem soubesse a matéria saberia ensiná-la. Por esta razão não havia preocupação com a formação do professor para atuar nesse nível de ensino. Esta ideia ainda prevaleceu durante as primeiras décadas do século XX, contudo, esta postura passa a mudar, notadamente, a partir da criação das primeiras universidades, sobretudo, com a iniciativa da implantação dos cursos de pós-graduação. Não obstante, entre as primeiras manifestações para implantação da pós-graduação, verificadas a partir de 1930, e sua efetiva implantação decorreram aproximadamente três décadas.

Os primeiros cursos de licenciatura no Brasil remontam exatamente à década de 1930 com a criação das primeiras faculdades de Ciências, Letras e filosofia. Isto leva a refletir não apenas sobre a formação do professor universitário, mas também sobre os profissionais que estão sendo formados e que *a priori* atuaria no que hoje se compreende como educação

básica. Depreende-se então, que nem o profissional que atua na docência do ensino superior e tampouco os estudantes deste mesmo nível de ensino possuíam formação pedagógica adequada que lhes possibilitasse desenvolver competências necessárias para o exercício da práxis docente e, portanto, o resultado da sua prática cotidiana em sala de aula acaba sendo a reprodução, sem reflexão, de formas de ensino a que o professor fora exposto durante sua trajetória como estudante.

É bastante comum ouvir queixas conscientes ou inconscientes por parte de alunos direcionadas aos seus professores no que concerne à apropriação de métodos e técnicas de aprendizagem para se fazer compreender adequadamente. Por isso mesmo, verifica-se declarações por parte dos estudantes sobre a excepcional capacidade intelectual de determinados professores, bem como seu profundo conhecimento da sua área de atuação mas que, todavia, não conseguem ministrar uma boa aula de forma que os alunos os compreendam bem. Não obstante, esses depoimentos são verificados tanto por estudantes da educação básica quanto do ensino superior.

O estudo ora apresentado pretende contribuir com a discussão sobre questão da didática no ensino superior mais especificamente no campo da licenciatura e a partir daí trazer à baila a discussão sobre os métodos e técnicas de aprendizagem utilizados analisando sua capacidade de ir além do conteúdo ministrado e dar ao estudante do curso de licenciatura as competências necessárias para atuarem com segurança na educação básica ou até mesmo na educação superior se for o caso. Para isto pretende-se inicialmente discutir o conceito de Didática historicamente construído de forma a tentar compreender o processo de aprendizagem. Além disso procura-se analisar a Didática no ensino superior e a preocupação com a formação do professor deste nível de ensino. E por fim, discutir didática e sua aplicabilidade nos cursos superiores especificamente nos de licenciatura.

Trata-se sobretudo de uma pesquisa qualitativa cuja investigação está centrada em pressupostos subjetivos que podem ajudar compreender o objeto de estudo.

Busca-se realizar uma análise do objeto estudado por meio da utilização de fontes bibliográficas discutindo as ideias dos principais autores que já discorreram sobre o assunto e, para isto, o intuito é realizar a presente pesquisa sob a ótica da Dialética. Contudo, vale ressaltar que a importância deste trabalho está, não apenas na análise de obras já consolidadas, mas na discussão do assunto nos cursos de licenciatura enquanto local de formação de

professores, sua preparação para atuarem como educadores e, de alguma forma, procura contribuir com reflexões que possam trazer benefícios para a prática docente em geral.

2. Didática e a compreensão do processo ensino e aprendizagem

Etimologicamente a palavra didática vem do grego *techné didaktiké* podendo ser entendida como a técnica ou a arte de ensinar. A didática enquanto ciência reguladora do ensino foi apresentada no século XVI por Ratichius e se fundamentava por meio dos estudos da filosofia. Mas, foi Iohannis Amos Comenius, através do livro *Didactica Magna* publicado em 1657, quem contribuiu para difundi-la. Contudo, inegavelmente até o século XIX, segundo Gil (2012), obteve importantes contribuições de filósofos e pensadores como Jan Jacques Rousseau, Johann Heinrich Pestalozzi, Johan Friederich Herbart. A partir do século XX outras áreas do conhecimento a exemplo da psicologia, de pensadores como Vigotsky e Piaget contribuíram sobremaneira com a evolução do pensamento em torno do termo didática.

Desde sua origem seu objeto de estudo foi o ensino que ao longo do tempo evoluiu para a concepção daquilo que se compreende como aprendizagem. Contudo, é preciso deixar claro que não foi abandonada a preocupação com o ensino, porém, a Didática não se preocupa apenas com este, tampouco apenas com a aprendizagem mas com o processo ensino e aprendizagem. Sendo assim, é preciso ter em mente uma gama de questões que envolvem este processo, tais como: o quê, para quê e a quem ensinar; como e por que ensinar; quais serão as abordagens, recursos utilizados, etc.

Segundo Libâneo (2013) pode-se mesmo dizer que a ciência que estuda a teoria e a prática na educação é a Pedagogia enquanto a didática se trata de uma disciplina da pedagogia que estuda os conteúdos, objetivos, meios e condições visando alcançar as finalidades educacionais. Estas condições permitem ao docente reunir um conjunto de atividades que propiciem à construção do conhecimento pelo educando sem necessariamente haver uma norma rígida. Libâneo (2013) afirma que:

Nesse conjunto de estudos indispensáveis à formação teórica e prática dos professores, a Didática ocupa um lugar especial. Com efeito, a atividade principal do profissional do magistério é o ensino, que consiste em dirigir, organizar, orientar e estimular a aprendizagem escolar dos alunos. É em função da condição do professor ensinar, de suas finalidades, modos e condições, que se mobilizam os conhecimentos pedagógicos gerais e específicos. (LIBÂNEO, 2013. p. 14).

Na obra, *A Didática em questão*, Candau (2012) procura fazer uma reflexão sobre o papel da didática na formação de professores partindo do ponto onde a didática passou de uma posição em que era tida como importante para outra onde era contestada. Para compreender bem essa problemática ela defende a necessidade da historicização desse problema. E ao discorrer sobre o assunto, inicialmente esta autora vem corroborar com a afirmação de que o objeto de estudo da didática é o processo de ensino aprendizagem. Nesta perspectiva, tanto Candau (2012) quanto Libâneo (2013) são unânimes neste quesito. Ela afirma o seguinte:

O objeto da didática é o processo de ensino-aprendizagem. Toda proposta didática está impregnada, implícita ou explicitamente, de uma concepção do processo de ensino-aprendizagem. Ensino-aprendizagem é um processo em que está sempre presente, de forma direta ou indireta, no relacionamento humano. (CANDAU, 2012. p. 14).

Outro ponto pacífico entre ambos os autores é no que concerne ao objeto da didática argumentando que no que diz respeito à dimensão técnica, o processo ensino aprendizagem é uma ação intencional, sistemática onde procura organizar as melhores condições capazes de propiciar a aprendizagem. E para isso é preciso levar em consideração aquilo que constitui o núcleo de preocupação da didática, quais sejam: Objetivos instrucionais, seleção de conteúdo, estratégias de ensino, avaliação, etc. Vale ressaltar que para fugir do tecnicismo, esta dimensão, para a autora, precisa estar associada a outras duas: à dimensão humana e a político-social e, claro, precisam ser analisadas dentro de um contexto concreto. Por isso Candau (2012) afirma:

No entanto, quando esta dimensão [Técnica] é dissociada das demais, tem-se o tecnicismo. A dimensão técnica é privilegiada, analisada de forma dissociada de suas raízes político-sociais e ideológicas, e vista como algo “neutro” e meramente instrumental. A questão do “fazer da prática pedagógica é dissociada das perguntas sobre “por que fazer” e o “para que fazer” e analisada de forma, muitas vezes, abstrata e não contextualizada. (CANDAU, 2012. p. 15).

Outra autora que comunga desta visão é Damis *in* Veiga (1996) que observa que por muito tempo a didática ficou restrita aos aspectos eminentemente técnicos. Todavia, o posicionamento desta autora ao discorrer sobre a temática é tratar o “ensinar” levando em consideração uma análise mais contextualizada do ponto de vista da relação sociedade-educação. Essa abordagem entende não haver neutralidade na prática pedagógica que ocorre entre professor e aluno.

Por contextualização significa entender a prática educativa no espaço e no tempo em que elas ocorrem levando em consideração os aspectos sociais e políticos ocorridos na sociedade como manifestação da coletividade. O indivíduo não está isolado da sociedade, ele é fruto do seu tempo, é capaz de influenciar e ser influenciado pelo meio onde vive. Neste sentido Libâneo (2013) caracteriza as influências educacionais em não intencionais e intencionais.

As experiências não intencionais decorrem do ambiente não formal e são exercidas pelo contexto social no qual os indivíduos estão inseridos. Estes conhecimentos não estão sistematizados por uma instituição como é o caso da escola. Eles dizem respeito a valores, crenças, ideias, ao cotidiano e suas práticas, tais elementos acabam fazendo parte do repertório de conhecimento, da cultura de uma sociedade.

Quanto à educação intencional, ela se caracteriza pela sua intencionalidade porque suscita um querer, uma vontade em fazer com que o outro assimile o conhecimento e para isso utiliza-se métodos e técnicas para alcançar o objetivo pretendido para despertar ideias, atitudes, comportamentos, etc. Poder-se-ia dizer que é o conhecimento ministrado num ambiente controlado, ou, melhor é o conhecimento científico sistematizado pela sociedade ao longo do tempo. A principal instituição onde esse conhecimento se dá é a escola. Mas também pode ser desenvolvido na Igreja, sindicatos, empresas, etc. e, a primeira, permite um grau de interpretação da realidade, de criticidade em relação às demais. Todavia, tanto a educação não intencional quanto a intencional não se excluem, uma acaba por influenciar a outra. Observe o seguinte:

As formas que assume a prática educativa, sejam não intencionais ou intencionais, formais ou não formais, escolares ou extraescolares, se interpenetram, O processo educativo, onde quer que se dê, é sempre contextualizado social e politicamente; há uma subordinação à sociedade que lhe faz exigência, determina objetivos e lhe provê condições e meios de ação. (LIBÂNEO, 2013. p. 16).

Enquanto ser social e político, o ser humano é marcado e influenciado pelas questões que o rodeia ainda que tente fugir delas. Neste sentido, reivindicar uma isenção, neutralidade é, na verdade, uma imposição da ideologia daqueles que a querem neutra, e a querem neutra porque existe uma intencionalidade.

No Brasil a partir da de 1920 começava ganhar corpo um projeto de educação conhecido como Escola Nova. Mas, foi a partir da década de 1930 com o movimento

conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932 esse projeto efetivamente começa a se consolidar. Tinha como nomes Anísio Teixeira, Cecília Meireles, entre outros defendiam a laicização do ensino, criar universidades, organizar a educação rural, urbana e popular, entre outros.

Partindo das ideias de Candau (2012) ao analisar suas próprias experiências como docente da disciplina Didática no últimos anos da década de 1950, pode-se notar uma crítica à Didática tradicional sob a perspectiva da Escola Novista. Entretanto, o Brasil passaria por grandes mudanças sociais e políticas nos anos seguintes. Sob a ótica da Escola Nova, ainda de acordo com a mesma autora, defendia-se uma educação em que fosse possível partir dos interesses dos próprios educandos, da liberdade, diferenças individuais, portanto, uma didática que levava em consideração amplos aspectos da vida de cada educando. Contudo, as mudanças alterariam esse panorama trazendo uma crise para este modelo que seria substituído pelo modelo tecnicista. As palavras de ordem passariam a ser a racionalização, eficiência, produtividade, controle. Muito mais que isso, o panorama era o seguinte:

(...)Instalada a revolução de 1964 e passado o período de transição pós-64, é retomada a expansão econômica e o desenvolvimento industrial. O modelo político reforça o controle, a repressão e o autoritarismo. A educação é vinculada à Segurança Nacional. Enfatiza-se seu papel de fato de desenvolvimento e são propostas medidas para adequá-la ao novo modelo econômico. (CANDAUI, 2012. p. 19).

Pelo menos durante o período que durou o governo militar prevalecia o desejo de não haver articulação com o contexto social dos indivíduos e seus problemas reais. Entretanto, pouco antes do governo que fora instalado em 1964 ter fim, seu modelo de educação voltou a ser contestado sobretudo criticava-se a impossibilidade de uma prática pedagógica neutra.

Para além das questões históricas e dos modelos educacionais, a apropriação da didática não é unanimidade entre boa parte professores, muitas vezes é vista como algo totalmente desconexa da prática real. Para muitos docentes seria uma espécie de idealização bem formulada, mas que se mostra ineficaz à prática docente. Não obstante, é de fundamental importância compreender a maneira como se dá o processo de aprendizagem. Para isto, faz-se necessário também dominar os métodos e técnicas adequados no sentido de fazer com que a assimilação do conhecimento se dê de forma plenamente satisfatória pelos educandos.

É bastante comum a prática docente onde prevalece o uso de uma abordagem tradicional por meio de aulas meramente expositivas centrada no professor considerado o

detentor do conhecimento, o aluno é um mero expectador que tem a obrigação de memorizar os conteúdos e posteriormente reproduzir tal qual foi passado. Normalmente esta verificação é realizada por meio de instrumentos de avaliação extremamente duvidosos do ponto de vista da aprendizagem. Os docentes que não se propõe a estudar e entender o processo pelo qual se dá a relação ensino-aprendizagem está fadado a repetir em sala de aula o modelo de aula dos seus mestres sem uma reflexão do ponto de vista pedagógico. É bastante esclarecedor o que se segue:

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de idéias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória - não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. (...). (FREIRE, 1996. p. 14).

Ainda considerando as colocações de Freire (1996) é preciso levar em consideração que é de suma importância que os educadores vivenciem a prática didática pois ela é capaz de dar sustentação à prática educativa nas instituições de ensino, e uma educação de excelência se faz com boas práticas pedagógicas sobretudo com o domínio e utilização adequados da didática.

Com a discussão feita até aqui é possível compreender o processo ensino-aprendizagem como sendo algo em constante movimento. Isto é fruto das discussões, das ações, reflexões e das inerentes contradições contidas neste processo.

3. Didática no Ensino Superior: O papel do professor universitário e o processo de ensino e aprendizagem nas licenciaturas

Em uma breve análise ao livro: Didática do ensino superior cujo autor é Gil (2012), este autor primeiramente relembra de forma *En passant* um dos pontos chaves abordados no primeiro capítulo fazendo entender que a eficácia do Ensino Superior depende de muitos fatores. Entretanto, esses fatores podem ser agrupados em três categorias que dependem de questões relacionadas ao próprio aluno, aos professores e à organização do curso. Tais fatores, segundo o autor, não tem uma hierarquia no que diz respeito à importância. Todavia, costuma-se centrar na figura do professor.

O autor ainda traz à baila a discussão proposta por Carl Rogers que surpreende a todos com a defesa da ideia de que ensinar é uma atividade relativamente sem importância. Isso porque o processo de ensino e aprendizagem requer muito mais do que uma aula centrada na figura do professor que detém o conhecimento enquanto o aluno é aquele que o recebe e aceita passivamente. E exatamente neste ponto Silva e Borba afirma:

Muitos professores, ao se colocarem à frente de uma classe, tendem a se ver como especialistas na disciplina que lecionam a um grupo de alunos interessados em assistir as suas aulas. Dessa forma, as ações que desenvolvem em sala de aula podem ser expressas pelo verbo ensinar ou por correlatos, como: instruir, orientar, apontar, guiar, dirigir, treinar, formar, amoldar, preparar, doutrinar e instrumentar. A atividade desses professores, que, na maioria das vezes, reproduz os processos pelos quais passaram ao longo de sua formação, centraliza-se em sua própria pessoa, em suas qualidades e habilidades. Assim, acabam por demonstrar que fazem uma inequívoca opção pelo ensino. (SILVA e BORBA, 2018, p. 08).

É a partir desta perspectiva que Gil (2012) reflete sobre quem é o professor universitário e seu papel ou papéis nos dias atuais. A partir de uma análise histórica se percebe de forma clara uma retrospectiva não só da formação do professor em si, mas da mentalidade sobre a ideia do que seria o bom professor universitário. Inicialmente, segundo Gil (2012, p. 19), “o bom professor nasce feito” e “quem sabe, sabe ensinar”. Entretanto, cabe lembrar que só a partir de 1930 com a criação das primeiras universidades se verificou uma maior preocupação com a formação do professor universitário e a necessidade de implantação dos primeiros cursos de pós-graduação para conferir competência técnica aos professores desse grau de ensino. E, como já é sabido, efetivamente a pós-graduação no Brasil só ocorreu em 1965.

Com isso passou-se a adotar critérios mínimos para a aceitação de docentes e a pós-graduação em nível de especialização tornou-se principal meio para preparação docente. Por outro lado os cursos *Stricto Sensu* proporciona a capacidade de desenvolver nos discentes deste nível a habilidade de realizar pesquisas de forma mais consistente, este é um requisito essencial do professor universitário, já que se espera que o professor não seja um mero reproduzidor de conhecimento.

Gil (2012) também reflete sobre qual papel ou papéis o professor universitário desempenha. Por isso, já que o trabalho docente é caracterizado por uma série de fatores muitos deles extremamente complexo: aptidões, conhecimentos específicos, experiência profissional, etc. então ao analisar os papéis de um professor. O autor traz a informação de

que, pelo menos do ponto de vista administrativo, se o docente cumpre papéis que se espera dele logo está qualificado a desempenhar os papéis para os quais foi requerido.

Mas, qual seria na verdade o papel do professor? Neste ponto, partindo-se do pressuposto de que o exercício docente é extremamente amplo e dinâmico, a partir da exposição da obra de Gil (2012) pode-se inferir que não há um consenso a esses papéis. Mckeachie *Apud* Gil (2012) entende que há seis papéis sendo eles: Especialista, autoridade formal, agente de socialização, facilitador, ego-ideal e pessoa. Segundo Goodyear *Apud* Gil (2012) considera sete papéis, sendo eles: facilitador do conteúdo, pesquisador, assessor, facilitador do processo, designer, tecnólogo e consultor. No entanto, na obra Didática do ensino superior identificou-se vinte e sete papéis, a saber: Administrador, Especialista, aprendiz, membro de equipe, participante, didata, educador, diagnosticador de necessidades, conferencista, modelo profissional, modelo de professor, facilitador da aprendizagem, assessor do estudante, mentor, avaliador, assessor de currículo, preparador de material, elaborador de guias de estudo, líder, agente de socialização, Instrutor, animador de grupos, pesquisador, pessoa, planejador de disciplina, coach, conselheiro.

Esses papéis refletem a observação de autores específicos e não significa que alguns deles não possam ser suprimidos ou até mesmo não significa que não haja a inclusão de outros.

Poucos trabalhos ousam analisar quais seriam as características de um professor eficaz. Não obstante, Gil (2012) enfatiza em sua obra duas principais características: a primeira diz respeito a habilidade de o professor universitário criar um estímulo intelectual, a segunda se refere a empatia interpessoal. Neste sentido, clareza na apresentação do professor, impacto emocional sobre os estudantes, capacidade de comunicar-se bem com os estudantes a fim de aumentar a motivação, o prazer e o aprendizado autônomo são os requisitos considerados essenciais de um bom professor. A respeito dos trabalhos desenvolvidos neste campo afirma-se o seguinte:

A maioria das obras referentes às características do bom professor fundamenta-se na observação, na experiência pessoal ou na visão de mundo de seus autores. Mas também há trabalhos derivados de pesquisas empíricas que procuraram avaliar a satisfação dos estudantes proporcionadas pelos seus professores. Um importante trabalho com estas características foi o desenvolvido por Lowman (2004), mediante observações de um grupo de cerca de 25 professores reconhecidos como exemplares, de diversas disciplinas, em diversas faculdades e universidades norte-americanas. (GIL, 2012. p. 28).

Mesmo expondo as características de um bom professor, o autor afirma de forma generalizada que os professores possuem naturalmente um ciclo que vai desde a empolgação do início da carreira à estabilização e ao desinvestimento na carreira. De qualquer forma, Gil (2012), argumenta sobre as mudanças ocorridas no ensino superior e a necessidade de profissionais com características diferentes das tidas como imprescindíveis no passado. Requer, segundo ele, professores que encorajem questionamentos dos estudantes, multiculturais, intercultural, reflexivo, capazes de trabalhar em equipe, capazes de enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão, capazes de utilizar as novas tecnologias, aberto, etc.

Neste aspecto, quando é dado destaque à aprendizagem o papel predominante do docente já não é o de ensinar, e sim o de dar subsídio para que o aluno aprenda. Isso não significa isentar o professor das responsabilidades inerentes à função desempenhada por ele, ou seja, não significa dizer que o docente não deva ter competência técnica. Desta forma cabe ressaltar que:

Os professores universitários não recebem preparação pedagógica específica e menos ao longo da sua vida profissional raramente tem oportunidade de participar em cursos, seminários ou reuniões sobre métodos de ensino e avaliação da aprendizagem. a pedagogia fica, portanto, ao sabor dos dotes naturais do professor. (...) O que de fato ocorre é que a grande dos professores universitários ainda vê o ensino principalmente como transmissão de conhecimento através de suas aulas expositivas. (SILVA E BORBA, 2018, p. 10).

Quando se trata de professores que ministram aulas nas licenciaturas é preciso lembrar que esses profissionais não podem simplesmente ser um dador de aula, aquele que se preocupa apenas em expor sua matéria. É preciso, sem dúvidas, que se cerquem dos conhecimentos didáticos necessários para garantir a boa qualidade na formação dos licenciandos, caso contrário haverá um círculo vicioso de reprodução, sem reflexão, daquilo que fora transmitido pelos mestres universitários. Caso não haja uma formação fundamentada nas boas práticas didático-pedagógicas a formação dos alunos-professores pode ficar comprometida fazendo com que os novos professores ao começarem a atuar se sintam perdidos. Alguns dos novos profissionais podem levar um tempo significativo para entender a dinâmica e como se dá o processo de ensino e aprendizagem e outros podem levar uma vida inteira sem entendê-la porque falta-lhes didática.

Nos cursos de licenciatura a preocupação deve ser redobrada porque o ensino deve ser muito mais que a mera transmissão de conhecimentos e deve exigir o fornecimento de métodos e técnicas, ferramentas para o desempenho ativo, e a formação dos discentes desses cursos deve prepara-los suficiente a fim de atuarem com segurança na profissão docente. Isto é de suma importância porque o ensino é algo vivo e deve favorecer habilidades como: comunicação, resolução de situação problema e que os alunos de qualquer curso, principalmente das licenciaturas sejam capazes de avaliar criticamente as informações, e sobretudo sejam capazes de conduzir o processo de ensino-aprendizagem de forma segura. Por isso:

Acredita-se que a Instituição de Ensino Superior deve atrair professores que sejam capazes de atuar em várias frentes e que assegurem uma formação sólida ao aluno. Ele não deve produzir olhares fragmentados, para não correr o risco de afastar o aluno de uma relação crítica do conhecimento, tornando-o incapaz de se relacionar com a construção do saber. É preciso que o professor dê aos estudantes a oportunidade de extrapolar os mestres, que sejam críticos, dialéticos, capazes de fazer a leitura sobre o mundo. (DAUD, 2019 p. 03)

A afirmação acima serve para tanto para os professores universitários quanto para professores da educação básica. E o sucesso do professor da educação básica depende, sem sombra de dúvidas, da formação que receberam enquanto discentes nos cursos de licenciatura. Sendo assim, o professor universitário deve ter bons conhecimentos didático pedagógica para que possa oferecer uma boa formação.

4. Considerações finais

O processo ensino e aprendizagem não é constituído por uma fórmula pronta e acabada, ele é antes de tudo resultado de uma ação-reflexão-ação do cotidiano compondo assim a práxis educativa. Não é campo para amadorismos pois exige a necessidade de saber científico requerendo conhecimento com bases sólidas, e neste aspecto é imprescindível a formação docente caminhando lado a lado com a reflexão e sua prática. Exige do docente exercício constante e a didática desempenha um papel fundamental no trabalho do educador a fim de que ele se cerque de saberes teóricos suficientes para usar os métodos e técnicas adequados para alcançar os objetivos neste processo.

A formação dos docentes para atuarem no ensino superior também deve partir da ideia de que como qualquer outro docente dos demais níveis de ensino carecem entender e dominar não apenas sua matéria, mas também precisam de adquirir conhecimentos pedagógicos sólidos a fim de tornar o aprendizado mais efetivo. Já foi despertado em muitos professores universitários a necessidade de realização de cursos voltados para a didática no ensino superior, e esta iniciativa parte tanto de instituições quanto dos próprios docentes que almejam melhorar a sua práxis.

Nos cursos de licenciatura a ausência de professores sem uma formação didático-pedagógica adequada pode comprometer significativamente a qualidade do aprendizado dos alunos-professores. Isto porque ao se tornarem profissionais, com raríssimas exceções, estão fadados a repetir sem reflexão os seus mestres, ocasionando desta forma um círculo vicioso e corroborando com a crença pré-concebida de que quem sabe sabe ensinar causando um desprezo pela teoria. Portanto, é de suma importância que o professor universitário adquira uma base teórica forte no sentido de trabalhar a sua matéria de forma plena e que, principalmente nos cursos de licenciatura, os alunos consigam perceber de forma clara a relação não apenas entre a teoria e o mundo em seu entorno, mas que acima de tudo consigam adequar a teoria e a sua prática profissional de forma plena enquanto futuros educadores.

Por fim, conclui-se que as queixas feitas por alunos direcionadas a muitos dos seus professores podem estar associadas a falta de uma formação teórica sólida, a falta de conhecimentos didáticos e pedagógicos que lhes permitam entender de forma segura como se dá o processo ensino-aprendizagem.

Este é um trabalho preliminar que cabe mais discussão, reflexão e pesquisas que venham enriquecer a temática e assim contribuir com todos aqueles que almejam melhorar a cada dia a sua prática cotidiana.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria.(org.). **A Didática em questão**. 33 ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2012.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didática Magna (1621-1657)**. Disponível em:
<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/didaticamagna.pdf>> Acesso em: 08/12/2018.

DAUD, Samira dos Santos. **O modelo bidimensional de Joseph Lowman no ensino jurídico.** Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=34f8150045a976a9>> Acesso em: 04/01/2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino superior.** 1 ed. São Paulo: atlas 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____, José Carlos. **Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas.** In: LIBÂNEO, José C.; SUANNO, Marilda V.R.; LIMONTA, Sandra V.. (Org.). *Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática.* 1ed. Goiânia (GO): CEPED/EDITORA DA PUC GOIÁS, 2011, v. 1, p. 85-100.

SILVA, Regina Nogueira da. BORBA, Ernesto Oliveira. **A importância da didática no ensino superior.** Disponível em: < <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/10/outr os/75a110bfebd8a88954e5f511ca9bdf8c.pdf> > Acesso em: 08/12/2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org.). **Didática: O ensino e suas relações.** Campinas, SP: Papirus, 1996.